

Da Teoria à Ação: Gênero e Reciclagem de Resíduos

Um Kit de Ferramentas para Professores, Pesquisadores e Profissionais
Livro 1: Considerações Teóricas sobre Gênero, Empoderamento e Resíduos



Belo Horizonte
Março de 2015

Coordenadoras do *Rethinking Gender and Waste Recycling* (Repensando Gênero e Reciclagem de Resíduos): Um Projeto de Pesquisa-Ação em Minas Gerais

Dr. Sonia Maria Dias, WIEGO

Dr. Marlise Matos, UFMG

Madalena Duarte, MNCR

Kit de Ferramentas da Teoria à Ação

Autoras

Sonia Maria Dias e

Ana Carolina Ogando

Edição

Ana Carolina Ogando, Sonia Maria Dias,
Marlise Matos, Megan MacLeod

Créditos das Imagens

Sonia Dias, Ana Carolina Ogando,
Lina Mintz

Design Gráfico

Julian Luckham, Luckham Creative

Índice

Siglas e Abreviações	<i>iv</i>
Agradecimentos	<i>v</i>
Prólogo	<i>vi</i>
Prefácio	<i>viii</i>
1. Introdução	1
2. Ferramentas Conceituais: Como Gênero e o Empoderamento Relacionam-se Com a Coleta de Resíduos	3
2.1 Relações, Papéis e Desigualdades de Gênero	4
2.2 Empoderamento e Lutas Feministas	7
2.3 Gênero e a Coleta de Resíduos	10
3. Reflexões Sobre Gênero e Coleta de Resíduos na América Latina e em Outros Lugares	13
3.1 Experiências na América Latina	13
3.2 Experiências no Brasil	15
Referências	18

Siglas e Abreviações

INSEA – Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável

MNCR – Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis

NEPEM-UFMG – Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher da Universidade Federal de Minas Gerais

WIEGO – *Women in Informal Employment Globalizing and Organizing* (Mulheres no Emprego Informal: Globalizando e Organizando)

Uma nota sobre a denominação

Na língua portuguesa, ao contrário da inglesa, várias palavras estão sujeitas a flexões de gênero, como é aqui o caso das palavras catador(a) e trabalhador(a), entre tantos outros adjetivos, substantivos e artigos definidos, como “o”, “a”, “eles”, “elas”, etc. Apesar da existência desses marcadores, têm sido utilizados historicamente as flexões masculinas das palavras como forma de referencia tanto a homens quanto a mulheres. O feminismo “de língua portuguesa” vem questionando esse uso e reivindicando que publicações e quaisquer outros documentos escritos devem se adequar a um tipo de linguagem chamada inclusiva, de forma a simbolicamente incluir as mulheres nos mais diversos processos. O uso da linguagem inclusiva tem se tornado uma política governamental recorrente em países de língua portuguesa como Brasil (Brasil, 2013) e Portugal (Abranches, 2009) e tema de legislações municipais e estaduais no Brasil (CFEMEA, 2006) e de manuais de comunicação dos mais diversos órgãos e poderes públicos federais. Nesse kit de ferramentas buscamos adaptar a escrita de forma a adotar sempre que possível esse tipo de linguagem, reconhecendo o papel central ocupado pelas mulheres no contexto da coleta de materiais recicláveis no Brasil, referindo-nos as trabalhadoras e trabalhadores no setor não apenas como o genérico masculino “catadores”, mas como “catadoras” e “catadores”.

Agradecimentos

Devemos agradecimentos especiais à equipe de pesquisadores e diversos colaboradores durante cada uma das fases do Repensando Gênero e Reciclagem de Resíduos: Um Projeto de Pesquisa-Ação em Minas Gerais. À Ana Carolina Ogando, por seu importante auxílio à equipe de coordenação, em particular durante a fase de elaboração do projeto e na consolidação do presente kit de ferramentas. À Nicole Labruto, pesquisadora visitante do MIT, por seu trabalho na revisão da extensa literatura durante a primeira fase do projeto. À Clarisse Goulart Paradis, Naiara Silva, Laura França Martello e Ana Carolina Ogando, membros do NEPEM, e à Ângela Oliveira do INSEA pela coordenação e facilitação dos workshops com as catadoras, assim como pela condução da revisão da literatura em Português e Espanhol. À Ângela Oliveira, também, pela assistência primordial na organização das catadoras para os workshops regionais. À Fernanda Oliveira da UFMG, que forneceu, pro Bono, expertise em elaboração de orçamento ao longo do projeto. À Madalena Duarte e Valdete Roza do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis por sua imprescindível importância não somente por fornecer sugestões e feedbacks das catadoras em todas as fases do projeto, mas também pela garantia de sua construção de forma horizontal e participativa. Somos gratos pelos conselhos dados por Luciano Marcos do INSEA. Agradecemos profundamente pela contribuição e compromisso de todos os envolvidos.

À Lucia Fernandez e Melanie Samson, revisoras críticas das primeiras versões do projeto de pesquisa-ação.

Gostaríamos de agradecer ainda pelas valiosas contribuições de membros da WIEGO em versões anteriores desse kit de ferramentas: Leslie Vryenhoek, Sally Roever, Caroline Skinner, Chris Bonner, Lucia Fernandez, Federico Parra e Melanie Samson. Agradecemos são devidos também à Equipe de Comunicação, particularmente a Demetria Tsoutouras, que supervisionou a produção do kit de ferramentas, à Megan MacLeod, que editou cuidadosamente os três livretos e à Miguel Sanz Caballer, que supervisionou o processo de tradução e forneceu suporte de edição. Apreciamos muito o comprometimento e insights que deram. Por último, mas não menos importante, agradecemos à Professora Marlise Matos, que recebeu este projeto no NEPEM durante minha estadia como pesquisadora visitante no Departamento de Ciência Política no qual se encontra o NEPEM, por ter fornecido inestimáveis orientações que informaram a nossa abordagem.

Acima de tudo, agradecemos de maneira especial às catadoras de Minas Gerais que participaram dos workshops e compartilharam suas vidas e experiências com nossa equipe; somos imensamente gratos e inspirados pela participação, interesse e principalmente pelo conhecimento, desde o início do projeto.

Sonia Dias
Especialista em Resíduos, WIEGO

Prólogo

Em fevereiro de 2012, o *Gender & Waste Project* (Projeto Gênero e Reciclagem) – uma parceria entre a WIEGO, NEPEM-UFMG, MNCR, INSEA — foi criado. O projeto teve início como um piloto em Minas Gerais, com o objetivo de conscientizar sobre a necessidade do empoderamento econômico e político das catadoras da América Latina. O foco principal do projeto era abordar as desigualdades de gênero nas atividades de coleta de resíduos, que poderiam ser estendidas às desigualdades enfrentadas em três áreas da vida cotidiana: em casa, no trabalho e no papel de liderança em suas organizações representativas. O projeto serviu não apenas para abordar essas questões de maneira crítica, como também para formatar os workshops que trataram especificamente dos estágios iniciais de uma formação em gênero. Em outras palavras, o projeto foi desenhado de forma a aumentar a conscientização das catadoras sobre as complexidades das relações de gênero e desigualdades que estruturam interações em vários contextos e dinâmicas. O projeto foi dividido em três fases visando os seguintes objetivos:

1. Fornecer às mulheres as ferramentas necessárias para trabalhar e buscar a igualdade de gênero no ambiente de trabalho e em suas vidas pessoais, a fim de fortalecer suas capacidades e suas vozes;
2. Aumentar as funções de liderança exercidas por mulheres nas organizações representativas de catadoras e catadores; e
3. Contribuir com o empoderamento econômico das catadoras.

A ideia do Projeto Gênero e Resíduos surgiu a partir das discussões com catadoras que exercem papéis de liderança, no Brasil e na América Latina, com a WIEGO. O projeto começou a ganhar forma após uma fase participativa em 2011, que envolveu mulheres em pequenas reuniões e debates públicos (tais como a Cúpula dos Povos da Rio + 20 e o Festival Lixo e Cidadania), que foram essenciais para a criação do projeto piloto. Durante tais discussões preparatórias, as seguintes questões foram abordadas pelas mulheres:

- A marginalização durante as reuniões dos movimentos nacionais de catadoras e catadores;
- A prática corrente de os homens participarem em maior número das negociações no nível do governo federal;
- As dificuldades enfrentadas pelas mulheres dado ao menor reconhecimento que recebem devido à forma com a qual se expressam, em comparação aos seus colegas homens;
- Os desafios causados por uma combinação de um trabalho que é árduo e as responsabilidades domésticas;
- O desejo das mulheres de obterem mais conhecimentos e maior nível educacional; e
- As dificuldades de abordar e discutir questões tais como a violência doméstica, entre outras.

Tal fase participativa, guiada pelos princípios da educação popular, tinha como objetivo influenciar o desenho de todo o projeto, com base nas necessidades expressas pelas catadoras. Essas necessidades serviram para orientar a segunda fase do projeto, resultando em diversos workshops regionais com as catadoras. Apoiadas por ferramentas de metodologia participativa e de uma perspectiva de gênero e feminista, as participantes refletiram sobre a autonomia da mulher, papéis de gênero estereotipados e os principais constrangimentos encontrados na tentativa de alcançar maior igualdade e reconhecimento nas diversas áreas de interação social durante os workshops. Elas identificaram também suas necessidades práticas e estratégicas para superar estes obstáculos.

Compreender as desigualdades de gênero associadas à coleta de resíduos irá, em última instância, aumentar a eficiência da gestão de resíduos, ao mesmo tempo em que irá encorajar o respeito mútuo entre homens e mulheres.

Com base nos resultados dos workshops, a terceira fase do projeto incluiu o desenvolvimento de um “kit de ferramentas popular” para catadoras e catadores sobre questões de gênero, assim como este kit de ferramenta para profissionais. Para visualizar o “kit de ferramentas” em Português, clique em: http://wiego.org/sites/wiego.org/files/resources/files/Waste_Gender_Toolkit_portuguese.pdf. Para visualizar a versão em Inglês, clique em: <http://wiego.org/sites/wiego.org/files/resources/files/Gender-Toolkit-EN-LR.pdf>. Para a versão em Espanhol, clique em: <http://wiego.org/sites/wiego.org/files/resources/files/mujeres-recicladores-baja.pdf>

Espera-se que ambas as cartilhas forneçam orientações para a quarta fase do projeto, que visa incorporar a discussão de gênero na Rede Latino-americana de Catadores de Materiais Recicláveis (RedLacre) e nas redes e organizações de catadores em outros lugares.



Para a WIEGO, empoderamento refere-se ao processo de mudança que dá a mulheres trabalhadoras de baixa renda – como trabalhadoras individuais e como membros de organizações trabalhistas – a capacidade de acessar os recursos de que necessitam ao mesmo tempo em que adquirem a capacidade de influenciar o ambiente político, regulatório e institucional mais amplo.

Se empenhar pelo empoderamento da mulher em todos os níveis – econômico, simbólico, e político – é crucial para garantir o respeito mútuo e para melhorar as vidas de catadoras e catadores.

Sonia Dias

Especialista em Resíduos, WIEGO

Prefácio

“Autonomia é saber o que quer. Significa tomar decisões em casa, não hesitar, e decidir aquilo que realmente quer”.

(Catadora)

“Autonomia é um direito pelo qual lutamos todos os dias”.

(Catadora)

“É lutar para que seus objetivos sejam escutados”.

(Catadora)

É com imenso prazer que apresento os resultados do minucioso trabalho desenvolvido durante o projeto “Repensando Gênero e Reciclagem de Resíduos: Um Projeto de Pesquisa-Ação em Minas Gerais” (WIEGO/NEPEM-UFGM/INSEA/MNCR).

O presente Kit de Ferramentas Acadêmico sobre Gênero e Reciclagem de Resíduos pode ser visto como um instrumento valioso na disseminação de práticas úteis no processo de transversalização de gênero em projetos sociais e, especialmente, em projetos com trabalhadoras e trabalhadores do setor de reciclagem de resíduos.

Este Projeto foi desenvolvido com o objetivo de intervir nas vidas de trabalhadoras e trabalhadores de uma maneira criativa e original. Baseado em complexos processos sociopolíticos e democráticos, ele busca trabalhar coletivamente na elaboração de questões e agendas de intervenção no mundo do trabalho. Em outras palavras: o eixo central desse projeto piloto de intervenção, realizado numa parceria entre a WIEGO, NEPEM-UFGM, INSEA, e MNCR, tem como objetivo principal a *transversalização de gênero*¹, como também o tem outros projetos desenvolvidos pelo NEPEM. Em mais esse projeto, o NEPEM/UFGM, conhecido como centro e instituição de referência por suas contribuições acerca das perspectivas de gênero e feminista no Brasil, buscou a criação de novos enquadramentos para interpretar a realidade através de uma análise crítica e feminista que repensa tanto as relações de poder entre os indivíduos quanto as possibilidades de se estabelecer alianças e estratégias de ação compartilhadas, ainda que dessa vez no campo da coleta de resíduos.

Sabe-se que as relações de gênero são profundamente desiguais e variam em grau ao redor do mundo, seja na vida cotidiana ou no trabalho. O valor diferenciado atribuído ao trabalho realizado por homens em detrimento daquele desenvolvido por mulheres, por exemplo, é ainda uma dura realidade em muitos países. Sabe-se ainda que tais relações assimétricas são baseadas em dimensões tradicionais e estereotipadas da divisão sexual do trabalho e continuam a organizar nossas relações. Ainda que seja verdade que homens e mulheres

¹ A ideia de transversalizar gênero tem ganhado força não somente como conceito teórico, mas como uma estratégia política (Daly, 2005). Contudo, é um conceito contestado na teoria feminista e em estudos de desenvolvimento. Para discussões e críticas ao uso do conceito, ver as edições especiais de *Social Politics* (2005) e *The International Feminist Journal of Politics* (2005). Mais especificamente, ver Moser (2005), Daly (2005) e Walby (2005).

vêm participando de atividades produtivas (às vezes idênticas) no mercado de trabalho, é importante reconhecer as segregações em determinadas ocupações e as desigualdades inaceitáveis em termos de salários, por exemplo. Apesar da maciça entrada das mulheres no mercado de trabalho, a segregação de gênero nas atividades produtivas e reprodutivas é uma das principais razões para uma série de desigualdades, incluindo, mas não limitada às diferenças salariais. De acordo com a Organização Mundial do Trabalho (ILO) (1995), mesmo com todas as tentativas para lidar com desigualdades de gênero, “levaria 475 anos para paridade ser estabelecida entre homens e mulheres nas posições mais altas nos setores administrativos”. Além disso, a atribuição das atividades reprodutivas como histórica e socialmente “femininas” tem se estendido para além da esfera privada. Como resultado, mulheres possuem duplas e triplas jornadas que são mais onerosas e afetam seu tempo para o lazer e as impedem de ter acesso a oportunidades de participação política. De forma mais ampla, essas práticas enraizadas estão presentes no mundo. Como Moraes e Gassen (2004) assinalam, recentes dados da ONU revelam que:

- Mulheres são responsáveis por 2/3 do trabalho desenvolvido no mundo e recebem 1/3 dos salários;
- Mulheres recebem 1/10 da renda mundial;
- Mulheres representam 2/3 das pessoas analfabetas no mundo;
- Mulheres são proprietárias de menos que 1/100 das propriedades no mundo;
- Dentre 1,3 bilhões de pessoas que vivem na pobreza, 70 por cento são mulheres.

Com tais desigualdades firmemente presentes, as lutas feministas chamaram a atenção para a necessidade da transversalização de gênero nas políticas e projetos sociais. Essa agenda está ligada a ações e políticas transversais e interseccionais.

A transversalização de gênero constituiu-se como um instrumento poderoso e crítico para reformas, monitoramento e avaliação de processos envolvidos na formulação de políticas públicas e em projetos sociais (Walby, 2005). Foi capaz de estimular e reorganizar ações e práticas no mundo todo. No meio acadêmico e na formulação de políticas públicas, a transversalização de gênero é baseada na conscientização de que nossas ações são influenciadas por valores tradicionais e estereotipados em relação a gênero que precisam ser revistos, desconstruídos, e reformulados, particularmente quando são colocados em cheque por outras formas interseccionais de opressão tais como raça, classe, idade, sexualidade, etc. Nosso projeto de intervenção, que deu origem ao presente kit de ferramentas, levou em consideração a centralidade de tais dimensões.

Com muitos anos de intervenções comunitárias e participativas, o NEPEM/UFMG aderiu a essa parceria com as organizações antes mencionadas baseando-se no encontro entre a militância acadêmica e os movimentos de mulheres catadoras. O diálogo que vem sendo estabelecido nos assegurou que este é certamente um caminho produtivo em direção à construção de relações mais igualitárias e justas.



Esperamos que este kit de ferramentas possa fornecer ideias para outras experiências da mesma natureza ao redor do mundo.

Marlise Matos

Diretora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher da Universidade Federal de Minas Gerais (NEPEM)

Professora na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



Estudos recentes têm mostrado que um grande número de trabalhadoras e trabalhadores informais em países em desenvolvimento se sustenta através da coleta, triagem, reciclagem e venda de materiais rentáveis. Além disso, muitos desses trabalhadores são mulheres e crianças (Dias e Fernandez, 2013; Madsen, 2006; Hunt, 1996; Furedy, 1990).² Catadoras e catadores enfrentam diversos desafios relacionados ao próprio manuseio de resíduos, atividade que nem sempre é reconhecida por seus benefícios ambientais e econômicos para uma cidade. Catadoras também enfrentam o fardo adicional de ter que lidar com a reprodução de relações de gênero hierarquizadas em casa, no ambiente de trabalho e em suas respectivas comunidades.

Apesar da crescente atenção dada aos estudos sobre gestão de resíduos sólidos, ainda falta conhecimento sobre as dinâmicas de gênero e sobre a divisão sexual do trabalho que estão envolvidas nas atividades de coleta de materiais recicláveis. Portanto, a adoção de uma abordagem de gênero e feminista em relação à coleta de materiais reconhece a necessidade de:

- Abordar as múltiplas dimensões da subordinação às quais as mulheres estão sujeitas nas mais diversas áreas;
- Discutir as maneiras como homens e mulheres naturalizam suas relações sociais;
- Enfocar nas ameaças e oportunidades que homens e mulheres vivenciam em seus respectivos trabalhos;
- Questionar como a divisão sexual do trabalho ou a diferenciação de trabalho/ funções de acordo com gênero são uma manifestação da divisão social do trabalho;
- Explorar como a marginalização de catadores, e catadoras em particular, impede o acesso a uma maior independência econômica;
- Reconhecer como os estereótipos de gênero são comumente empregados como meios de desencorajar a participação da mulher, especialmente em níveis mais formais.

² Na Índia, por exemplo, cerca de 80 por cento das catadoras e catadores são mulheres; enquanto no Brasil, um estudo em pequena escala revelou que 56 por cento dos membros das organizações de catadores e catadoras são mulheres (Dias e Fernandez, 2013). Outro estudo conduzido em Belo Horizonte, Minas Gerais, mostra que houve um aumento no número de mulheres empregadas em uma das associações - ASMARE. Os dados revelam que a porcentagem de mulheres que trabalham na associação cresceu de 18 por cento em 1993 para 55 por cento em 1998 (Dias, 2002). Na Tailândia, cerca de 93 por cento dos varredores e varredoras de rua no distrito de Bang Sue em Bangkok, e 60 por cento dos catadores e catadoras em aterros são mulheres (Madsen, 2006).

Uma compreensão mais aprofundada sobre as dinâmicas de gênero envolvidas na coleta de resíduos, frequentemente mascarada ou subteorizada, busca fundamentalmente fornecer às catadoras as ferramentas necessárias para aprimorar sua função como agentes econômicas e políticas.

O projeto piloto de pesquisa-ação *Repensando Gênero e Reciclagem de Resíduos* foi criado a partir da necessidade de uma maior exploração das dimensões de gênero da coleta de resíduos, mas também como resultado das preocupações e interesses expressos por catadoras no Brasil e na América Latina no que diz respeito às relações de gênero.

Esse kit de ferramentas, que foi dividido em três partes, foi criado como um dos produtos do projeto de pesquisa-ação. Seu objetivo é integrar uma variedade de enfoques e recursos diferentes para que possa ser utilizado por múltiplos públicos.

No Livro 1, o kit de ferramentas começa explorando a própria noção e os conceitos teóricos do empoderamento da mulher que guiaram as discussões e atividades dos workshops exploratórios conduzidos em Minas Gerais. Preenchendo as lacunas entre as literaturas sobre gênero e sobre reciclagem de resíduos, o primeiro livro ainda tem como foco as dinâmicas específicas de gênero na reciclagem de resíduos dado o contexto social, cultural, econômico, e político da América Latina e, mais especificamente, do Brasil. Nessa seção, o kit de ferramentas fornece links para outros projetos e guias que oferecem mais perspectivas sobre gênero e reciclagem.

Uma vez que as questões de gênero pertinentes à reciclagem de resíduos tenham sido contextualizadas, o Livro 2: *Desenho do Projeto, Ferramentas e Recomendações*, segue destacando nossas próprias experiências com as oficinas exploratórias com catadoras, ampliando, assim, o escopo do público alvo, esperando incluir aquelas/es interessados em incorporar a questão de gênero na reciclagem de resíduos. Este conteúdo também inclui links para outros recursos e kits ferramenta/cartilhas já publicados sobre trabalhos de campo em gênero e reciclagem.

Por último, no Livro 3: *Livro de Recursos*, o kit de ferramentas integra uma variedade de informações e recursos que se encontram disponíveis a respeito do tema. Embora esses recursos estejam longe de serem completos, eles buscam fornecer um extenso ponto de partida para aqueles interessados no tema da igualdade de gênero na reciclagem.

O kit de ferramentas foi criado para ser de fácil utilização e busca envolver acadêmicos, pesquisadores e profissionais. Cada seção fornece links para outras fontes que podem ser de interesse. Pode ainda ser lido e utilizado conforme as necessidades e interesses do público leitor. Nós os encorajamos a utilizar os materiais e adaptá-los conforme suas necessidades dentro de seu próprio contexto. Finalmente, gostaríamos de obter retorno daqueles que utilizarem este kit de ferramentas, através do envio de comentários críticos e das maneiras específicas pelas quais esse instrumento mostrou-se útil.

2 Ferramentas Conceituais: Como Gênero e o Empoderamento Relacionam-se Com a Coleta de Resíduos



O termo gênero³ tem sido utilizado para denotar as diferenças entre homens e mulheres. Mais especificamente, gênero chama atenção para as diferenças social e culturalmente construídas atribuídas a homens e mulheres ao longo do tempo, afetando assim seus papéis e relações de poder entre si. Por isso, o termo gênero simboliza uma refutação clara do determinismo biológico.

Gênero, como uma categoria analítica, salienta o fato de que tais relações - que são comumente baseadas em práticas históricas e sistemas de opressão consolidados - podem ser compreendidas somente de maneira relacional. Além disso, tais diferenças socialmente construídas são reproduzidas e sustentadas em diversas esferas incluindo, mas não se limitando, às doutrinas religiosas, legais e políticas, sistemas educacionais e o pensamento científico, dentre outros.

O que é gênero?

- ✓ Relacional – observa os papéis de homens e mulheres
- ✓ Social e historicamente construído
- ✓ Enfoca as relações de poder
- ✓ Enfoca a possibilidade de desconstruir as relações hierárquicas de gênero com a intenção de criar relações mais justas e igualitárias

O que gênero não é

- ✓ Um sinônimo de mulheres
- ✓ Um sinônimo de patriarcado

³ Uma definição útil de gênero é fornecida pela ONU: “Gênero: refere-se aos atributos sociais e oportunidades associadas com ser homem ou mulher e as relações entre mulheres e homens e meninas e meninos, bem como as relações entre as mulheres e aquelas entre homens. Estes atributos, oportunidades e relações são socialmente construídos e são aprendidos através de processos de socialização. Eles são específicos a uma época/contexto e mutáveis. Gênero determina o que é esperado, permitido e valorizado em uma mulher ou em um homem em dado contexto. Na maioria das sociedades, há diferenças e desigualdades entre mulheres e homens nas responsabilidades que lhe são atribuídas, atividades realizadas, o acesso a e controle sobre os recursos, bem como oportunidades de tomada de decisão. Gênero faz parte do contexto sociocultural mais amplo. Outros critérios importantes para a análise sociocultural incluem classe, raça, nível de pobreza, etnia e idade.” Para mais informações, consulte: <http://www.un.org/womenwatch/osagi/conceptsanddefinitions.htm>.

Uma das pensadoras feministas mais proeminentes na discussão sobre a noção de gênero, Joan Scott, afirma que gênero é uma ferramenta analítica útil dada sua habilidade de conexão de duas propostas. Em primeiro lugar, é importante compreender que gênero molda as relações sociais graças às maneiras nas quais atribuímos as diferenças entre os sexos. Em segundo lugar, gênero não pode ser desassociado das noções de poder, uma vez que constitui uma das formas primárias de “dar significado às relações de poder” (Scott, 1986, p. 1067). Nesse sentido, gênero, como uma categoria analítica, auxilia a ampliar o quadro de análise ao buscar desvendar as estruturas e práticas próprias que promovem as relações assimétricas de gênero, assim como as implicações políticas de tais relações.

Para mais discussões sobre gênero, consulte os seguintes textos:

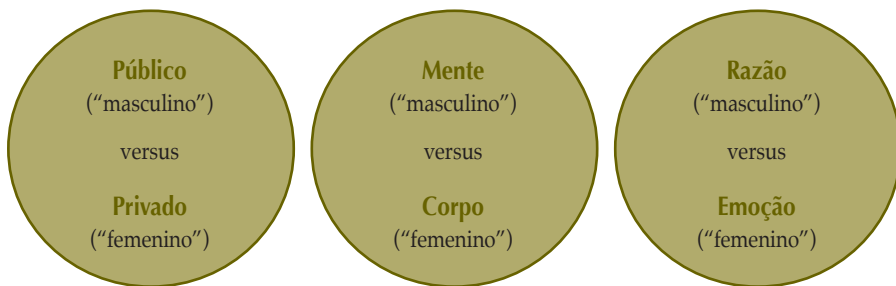
1. Flax, Jane. 1992. “Beyond equality: gender, justice and difference.” In Gisela Bock, Susan James, org., *Beyond Equality and Difference: citizenship, feminist politics, and female subjectivity*. London: Routledge, pp. 193-210.
2. Hawkesworth, Mary. 2013. “Sex, Gender, and Sexuality: From Naturalized Presumptions to Analytic Categories”. In Georgina Waylen, Karen Celis, Johanna Kantola, S. Laurel Weldon, eds., *The Oxford Handbook of Gender and Politics*. Oxford: Oxford University Press, pp. 31-56.
3. Scott, Joan. 1986. “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”. *The American Historical Review* 91, No. 5, pp. 1053-1075.
4. Squires, Judith. 1999. “Framing Gender”. In Judith Squires, *Gender in Political Theory*. Cambridge: Polity Press, pp. 54-77.

2.1 Relações, Papéis e Desigualdades de Gênero

Uma perspectiva de gênero, portanto, observa como a sociedade - incluindo tanto homens quanto mulheres - age em termos de reforçar e/ou desafiar padrões de dominação na multiplicidade das interações sociais. A dificuldade em desafiar tais estruturas e hábitos deve-se ao fato de que os papéis tradicionais de gênero informam as dinâmicas das interações sociais.

Os papéis de gênero estão baseados em oposições binárias fixas que servem ao propósito de manter determinadas hierarquias. Em outras palavras, papéis de gênero tradicionais operam dentro de um sistema de poder que valoriza determinados atributos em detrimento de outros. Algumas dessas oposições binárias também servem para limitar a autonomia de indivíduos ou grupos em esferas particulares de interação, nomeando uma esfera como mais “feminina” e outra como mais “masculina”.

Exemplos dessas oposições incluem:



Uma vez que nossas identidades são constituídas de forma relacional, a maneira pela qual essas oposições são reproduzidas através dos papéis de gênero afeta claramente o processo de tomada de decisões, a divisão sexual do trabalho e as práticas culturais (Young, 1990). A perspectiva central, portanto, é a de que as relações hierárquicas e tradicionais de gênero produzem e reproduzem as desigualdades de gênero em diferentes níveis e em diferentes graus, de acordo com contextos específicos. Como resultado, aquilo que é socialmente e culturalmente codificado como "feminino" possui menos valor em certas sociedades em comparação com aquilo que é considerado como "masculino". Conforme mencionado previamente, estes "padrões de valor androcêntricos" estruturam as interações sociais em diferentes áreas, tais como no direito (nas leis), nas políticas governamentais, práticas profissionais e cultura popular. (Fraser, 2003).

Como resultado, as mulheres sofrem formas específicas de subordinação de status relacionadas a gênero, incluindo:

- Assédio sexual e violência doméstica;
- Representações estereotipadas, banalizadas, objetificadas e depreciativas na mídia;
- Assédio na vida cotidiana;
- Exclusão ou marginalização em esferas públicas e em órgãos deliberativos;
- Negação de direitos plenos e proteção igualitária da cidadania.

Fraser, Nancy. 2003. "Social Justice in the Age of Identity Politics: Redistribution, Recognition, and Participation." In Nancy Fraser and Axel Honneth, *Redistribution or Recognition? A Political-Philosophical Exchange*. New York: Verso Press, pp. 21. (Para a versão em português, ver <https://rccs.revues.org/1250?lang=pt>)

Contudo, é importante notar que é problemático assumir "mulheres" como um grupo homogêneo. Nesse sentido, teorias feministas têm chamado atenção para o fato de como mulheres vivenciam formas de opressão de maneiras diferentes, particularmente quando consideramos as identidades que as mulheres podem assumir. Ampliar esse escopo de

entendimento evita que haja uma perspectiva reducionista com base na premissa de que as mulheres são sempre subordinadas pelos homens. Ao contrário, as mulheres criaram, historicamente, estratégias que desafiam as injustiças de gênero perpetuadas por contextos legais, econômicos, religiosos, familiares, políticos e culturais específicos. Tais estratégias revelam o papel ativo das mulheres na busca pela transformação de práticas injustas.

Além de considerar como os diferentes contextos afetam e/ou reforçam desigualdades de gênero, também se tem dedicado muita atenção ao reconhecimento da complexidade da natureza de tais desigualdades. Isso significa dizer que, outras identidades, tais como raça, classe, sexualidade⁴ e idade, dentre outras, também influenciam as maneiras pelas quais mulheres vivenciam opressões na sociedade. O termo interseccionalidade vem sendo utilizado precisamente para compreender as diferentes dimensões das relações de poder, incluindo raça, classe, sexualidade e gênero, e como tais dimensões estão interligadas (Collins e Chepp, 2003).

Por que a interseccionalidade é importante?

1. Diferentes sistemas de poder (ex. raça, gênero, classe, sexualidade, habilidades, idade, país de origem, status de cidadania) não podem ser compreendidos de maneira isolada;
2. Estes sistemas interceptam-se e coproduzem-se uns aos outros;
3. Indivíduos e grupos são posicionados de maneiras diferentes na sociedade, o que influencia diretamente na maneira com a qual vivenciam a mesma;
4. A localização social de um indivíduo ou de um grupo produz visões de mundo e pontos de vista específicos.

Patricia Hill Collins e Valerie Chepp. 2003. "Intersectionality". In Georgina Waylen, Karen Celis, Johanna Kantola, and S. Laurel Weldon, eds., *The Oxford Handbook of Gender and Politics*. Oxford: Oxford University Press, pp. 57-87.

Tal reflexão é particularmente relevante ao se considerar o status das mulheres em países do Sul Global. Em outras palavras, como meio de evitar um reducionismo cultural, é importante compreender como a localização das mulheres dentro das mais variadas estruturas possui significados e implicações políticas diferentes dependendo do contexto sócio-histórico e local (Mohanty, 2003).

A marginalidade e invisibilidade das catadoras e catadores perante a sociedade, por exemplo, não somente reforçam formas econômicas de exclusão, mas também estão intrinsecamente relacionadas a outras estruturas de opressão, tais como gênero, raça, idade, sexualidade e outros. Assim como o trabalho e as contribuições dessas trabalhadoras e trabalhadores informais não são reconhecidos no cenário urbano, também os eixos entrelaçados de opressão que os afetam são desconsiderados. Nesse sentido, uma abordagem interseccional dos meios de subsistência de catadoras e catadores, e mais especificamente das catadoras neste caso, revela como opressões distintas impactam o acesso a recursos e a poder, dadas suas múltiplas identidades. Frequentemente, indivíduos ou grupos com identidades interseccionais podem

⁴ A ONU adotou o termo orientação sexual e identidade de gênero (OSID).

acabar sendo ainda mais marginalizados dentro de um grupo já marginalizado historicamente (Purdie-Vaughn e Eibach, 2008).

Para mais discussões sobre as (des)igualdades de gênero e análise relacionadas a gênero no Sul Global, consulte os seguintes textos:

1. Collins, Patricia Hill and Valerie Chepp. 2003. "Intersectionality". In Georgina Waylen, Georgina, Karen Celis, Johanna Kantola and S. Laurel Weldon, eds., *The Oxford Handbook of Gender and Politics*. Oxford: Oxford University Press, pp. 57-87.
2. Fraser, Nancy. 2003. "Social Justice in the Age of Identity Politics: Redistribution, Recognition and Participation". In Nancy Fraser and Axel Honneth. *Redistribution or Recognition? A Political-Philosophical Exchange*. New York: Verso, pp. 7-109.
3. Mohanty, Chandra. 2003. *Feminism without Borders*. Durham: Duke University Press.
4. Mohanty, Chandra, Ann Russo, and Lourdes Torres. 1991. *Third World Women and the Politics of Feminism*. Bloomington: Indiana University Press.
5. Moser, Caroline. 1989. "Gender planning in the third world: Meeting practical and strategic gender needs." *World Development* 17, No. 11, pp. 1799-1825.
6. Narayan, Uma. 1997. *Dislocating cultures: Identities, Traditions and Third World Feminism*. New York: Routledge.
7. Spivak, Gayatri Chakravorty. 1988. "Can the subaltern speak?" In Cary Nelson and Lawrence Grossberg, eds., *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana: University of Illinois Press, pp. 271-313.
8. Young, Iris. 1990. *Justice and the Politics of Difference*. Princeton: Princeton University Press.

2.2 Empoderamento e Lutas Feministas

Existem inúmeras definições a respeito do que o empoderamento significa. De maneira geral, é um processo dinâmico e relacional através do qual os indivíduos e/ou grupos ampliam suas opções e escolhas, adquirindo assim maior controle sobre suas próprias vidas (Mahmud et al., 2012). Como um processo que impacta diferentes esferas da vida das mulheres, as formas de empoderamento podem variar desde a construção do sentido de autoestima das mulheres ao aumento da consciência acerca das questões de gênero, bem como abordar criticamente as relações desiguais de poder.

O empoderamento como um processo dinâmico e multidimensional envolve:

- ✓ A capacidade de determinar e agir de acordo com seus próprios objetivos
- ✓ Acesso e controle sobre recursos (capital humano, financeiro, social, e físico) em diferentes relações e esferas de interações sociais

(Kabeer, 1999; Kashor e Gupta, 2004 em Mahmud et al., 2012).

Conforme Golla et al (2011) notam, existem diferentes caminhos em direção ao aumento do empoderamento da mulher, que dependem de fatores contextuais e dos objetivos específicos de um projeto. Os componentes inter-relacionados que possibilitam o aumento do empoderamento incluem caminhar rumo ao avanço econômico das mulheres ou à construção do protagonismo e de maior poder das mulheres (Golla et al., 2011, p.5).

O empoderamento somente pode ocorrer se o planejamento de ações à luz das questões de gênero abordar em uma ampla série de questões nas quais as mulheres encontram-se subordinadas, e que englobam não apenas a dimensão econômica e política, mas também a física e a simbólica (Wieringa, 1998). O potencial transformativo do empoderamento leva em consideração a capacidade individual e coletiva de reconsiderar e recriar novas maneiras de pensar a respeito dos papéis de gênero na sociedade. Uma concepção feminista de poder deve considerar a complexa rede de dinâmicas de poder presente nas sociedades contemporâneas, mas principalmente, deve destacar os casos nos quais as mulheres exercem de fato a sua autonomia.

De acordo com tal concepção feminista ampla de poder, e contando com a experiência no campo da pesquisa de dois de seus parceiros – a WIEGO e o NEPEM – o Projeto Gênero e Resíduos concentrou-se especificamente nos eixos do empoderamento econômico e político das catadoras como um ponto de partida. O projeto também focou, particularmente, na solidariedade e na construção de coalizões, que pudessem promover o empoderamento das catadoras entre si e com outras mulheres e homens, incentivando o empoderamento simbólico das mulheres.

Nesse sentido, essa concepção funciona com base na ideia de construção do empoderamento “de baixo para cima”. Para a WIEGO, como Samson (2014) observa, parte do processo de estabelecer e criar possibilidades para o empoderamento envolve a construção da liderança das mulheres. Nosso projeto piloto buscou promover e facilitar as condições que permitiriam que as mulheres catadoras reconhecessem seus próprios conhecimentos e força durante esse processo de transformação. Em outras palavras, foi um processo inicial de trazer as questões de gênero para o plano principal da discussão entre as mulheres catadoras para que, dessa forma, pudessem estabelecer coletivamente planos para desafiar as hierarquias de gênero em suas próprias vidas. Isso coincide com a ideia do projeto de que qualquer tipo de formação na área de gênero não deve focar na criação de líderes com base em poucos indivíduos, mas sim num processo de fortalecimento de lideranças coletivas. Em última instância, construir a liderança feminina significa construir a capacidade de todas as mulheres assumirem papéis de liderança, assim como transformar organizações de tal maneira que acolham mulheres que exercem tais papéis (Samson, 2014). Isso possui importância particularmente fundamental uma vez que a voz e as preocupações das mulheres devem ganhar espaço e legitimidade dentro de suas próprias vidas, comunidades, organizações e ambientes de trabalho. A partir do momento em que tanto homens quanto mulheres sensibilizarem-se para as questões de gênero, o caminho para um processo de transformação será desafiar atitudes e crenças amplamente difundidas e naturalizadas (Samson, 2014).⁵

⁵ Essa distinção importante entre discussões sobre gênero e empoderamento foi feita pela Melanie Samson, que moderou o painel sobre Gênero e Empoderamento na Assembleia Geral da WIEGO em Yogyakarta, Indonésia em novembro de 2014.

Durantes os workshops, as mulheres catadoras focaram em determinadas dimensões das desigualdades de gênero em casa, no ambiente de trabalho e nas organizações e movimentos, as quais cruzam os eixos das desigualdades econômica, política e simbólica.

Abaixo seguem três amplas definições de empoderamento econômico, político e simbólico e como elas serviram como diretrizes para as atividades com as mulheres catadoras. Não obstante, tais dimensões de empoderamento estão intrinsecamente associadas a uma dimensão individual/pessoal e coletiva/comunitária, e precisam ser fundamentalmente destacadas e estimuladas através das experiências de cada mulher.

Empoderamento Político

As lacunas ou disparidades de gênero (*gender gap*) na participação e representação política são comumente atribuídas a, pelo menos, três dimensões: *fatores estruturais*, que incluem os níveis de desenvolvimento socioeconômico de um país; *instituições e regras políticas*, que impactam a probabilidade de mulheres serem eleitas; e *fatores culturais*, que impedem a participação da mulher com base em papéis de gênero assimétricos e patriarcais (Norris e Inglehart, 2001; Matos, 2010).

Para o NEPEM, o empoderamento político envolve uma oportunidade para estabelecer e/ou encorajar uma consciência crítico-feminista em relação à necessidade das mulheres terem acesso a esferas públicas distintas. Este processo implica em contribuir para que as mulheres tenham conhecimento em áreas relevantes, tais como direitos humanos, cidadania e movimentos sociais, sistemas partidários, leis eleitorais, políticas públicas, organizações de base, etc. O foco primário é a conversão de tais iniciativas em ações concretas de um empoderamento político mais amplo, de tal maneira em que as mulheres possam, então, exercer um papel crítico e relevante nos mais diversos espaços da vida social (Matos e Simões, 2014).

Empoderamento Econômico

O empoderamento econômico da mulher tem sido definido de diversas maneiras em termos do aumento do acesso e controle sobre recursos e mercados, a ampliação de seu protagonismo e capacidade de escolha, bem como melhorias e controle sobre conquistas ou resultados específicos (tais como elevação do bem-estar e dignidade, maior equilíbrio entre trabalho e vida pessoal e melhores oportunidades econômicas). Todas as dimensões do empoderamento - recursos, agência e realizações - são fundamentais para o bem-estar, a dignidade e as oportunidades relacionadas aos meios de subsistência disponíveis às mulheres trabalhadoras de baixa renda.

Para a WIEGO, o empoderamento refere-se ao processo de mudança que dá a mulheres trabalhadoras de baixa renda – como membros de organizações de base - a capacidade de acessar os recursos dos quais necessitam, ao mesmo tempo em que adquirem a capacidade de influenciar o ambiente político, regulatório e institucional mais amplo. Em última análise, “as iniciativas para o empoderamento econômico das mulheres precisam estar diretamente envolvidas na redução da parcela desproporcional do trabalho doméstico e do trabalho relacionado a cuidados realizado por mulheres, o que impede o seu envolvimento efetivo no trabalho remunerado” (WIEGO, 2010, p. 11).

Empoderamento Simbólico

O Empoderamento Simbólico envolve desafiar os códigos, práticas e conceitos que contribuem para o estabelecimento de subjetividades e relações de poder de gênero e raça. Uma abordagem feminista e crítica em relação ao empoderamento simbólico avalia criticamente como os padrões de subordinação encontram-se presentes em incontáveis estruturas que variam entre os “modos patriarcais de produção [capitalista], relações patriarcais com o Estado, violência doméstica, relações patriarcais no trabalho remunerado, relações patriarcais na sexualidade e relações patriarcais em instituições culturais tais como religião, mídia e educação” (Walby, 1990, p. 177).

A implementação de ações críticas focadas em gênero, no nosso entendimento, deve trabalhar com teorias e conceitos integrados que podem ser aplicados a um nível prático. Esse planejamento deve ser capaz de mapear as diferentes dimensões das desigualdades que cruzam a vida das mulheres. Neste sentido, o empoderamento simbólico serve como uma base fundamental para que as mulheres enxerguem a si mesmas de uma maneira melhor - como agentes políticos, econômicos e culturais capazes de desafiar as relações hierárquicas de gênero e raça.

2.3 Gênero e a Coleta de Resíduos

Mulheres catadoras enfrentam inúmeros obstáculos diariamente. No local de trabalho, as desigualdades de gênero manifestam-se através de estruturas de exploração e marginalização que também cruzam as linhas de raça e classe e podem resultar em uma falta de autoridade e de reconhecimento. Nas sociedades capitalistas, a exploração de gênero no local de trabalho e em casa pode envolver tarefas que requerem atividades “tipicamente femininas”, que são muitas vezes despercebidas e pouco recompensadas (Young, 1990, p. 51). A presença de estruturas opressivas, juntamente com sentimentos de impotência e experiências de violência, é uma extensão direta da divisão social do trabalho nas sociedades capitalistas, mas também pode resultar na divisão sexual do trabalho.

No local de trabalho, as catadoras vivenciam essas formas de opressão de três maneiras diferentes, pelo menos. Em primeiro lugar, as mulheres podem não ter acesso permitido aos materiais recicláveis de mais alto valor (Dias e Fernandez, 2013), e, portanto, recebem menos que os homens. No Brasil, uma análise de gênero de uma base de dados oficial (o Relatório Anual de Informações – RAIS – do Ministério do Trabalho e Previdência Social), que registra informações sobre empregados em estabelecimentos comerciais, concluiu que entre catadoras e catadores, os homens ganham muito mais do que as mulheres em todas as faixas etárias, e não são encontradas mulheres nos grupos de renda mais alta, que ganham mais de 10 salários mínimos (Crivellari et al., 2008). Estas discrepâncias podem ser a razão pela qual as mulheres são atraídas pelo modelo cooperativo a fim de encontrar condições de trabalho mais favoráveis. A organização das atividades também tende a seguir uma divisão sexual do trabalho, com mais mulheres envolvidas nos processos de triagem, enquanto os homens realizam a coleta de materiais nas ruas ou em grandes geradores.

Em segundo lugar, é importante reconhecer que tanto homens quanto mulheres são expostos a diversos riscos à saúde ao trabalhar com a coleta de materiais recicláveis. Apesar da falta de estudos documentados, Muller e Scheinberg (2007) apontam como as pessoas que tem “contato

físico com excrementos humanos ou outras matérias-primas contraem doenças como hepatite e diarreia e sofrem de infecções nos olhos e na pele com maior frequência do que aqueles que não exercem tais funções”. Existem inúmeras ameaças à saúde e à segurança ocupacional com as quais os trabalhadores informais precisam lidar que resultam das condições insalubres de seus locais de trabalho, tais como má iluminação, falta de ventilação, calor excessivo, falta de ferramentas e equipamentos adequados - incluindo equipamentos de proteção individual, exposição a produtos químicos e poeira, longas jornadas de trabalho, e ruído (Wrigley-Assante, 2013). As mulheres são ainda mais afetadas, uma vez que podem nem sempre ter acesso a instalações sanitárias. Todas essas condições agravam o estresse psicológico e emocional, e levam a altos índices de doenças musculoesqueléticas e respiratórias (Wrigley-Assante, 2013). Algumas mulheres podem ainda estarem sujeitas ao assédio sexual em suas tentativas de negociar e adquirir materiais.

Finalmente, as mulheres podem não ocupar posições de autoridade dentro de suas cooperativas ou comunidades. Quando as mulheres chegam a ocupar tais cargos, podem não ser tão respeitadas quanto seus colegas homens. Além disso, a participação das mulheres parece ser maior no nível local e na comunidade, com disparidades de gênero mais fortes aparecendo à medida que a distância da comunidade e a formalidade do ambiente aumentam (Muller e Scheinberg, 2007). Suposições estereotipadas a respeito do uso que as mulheres fazem da emoção e de diferentes padrões comunicativos, contribuem para que as catadoras sejam ignoradas ou silenciadas nas reuniões de grupo ou nos encontros formais.

Longe do local de trabalho, as mulheres também enfrentam desigualdades de gênero, principalmente na esfera privada, dadas às suas duplas e até triplas jornadas de trabalho. Relações assimétricas de poder no nível familiar afetam as possibilidades das mulheres participarem de comitês públicos ou exercerem cargos de liderança dentro de suas organizações representativas. O que pode ser atribuído principalmente ao fato de que as mulheres são responsáveis por criar os filhos e por cumprir a maioria (se não todas) as tarefas domésticas e, em última instância, terem limitações de tempo e energia para aproveitar as oportunidades de exercer liderança (Dias e Fernandez, 2013). Além da divisão desigual do trabalho doméstico, as mulheres são frequentemente vítimas de exploração sexual e violência na esfera privada.

As diferenças de gênero também afetam mulheres dadas a uma série de outros fatores e restrições. Parte da literatura sobre as desigualdades de gênero na economia informal tem destacado restrições decorrentes dos seguintes fatores (Mayoux, 2001; Kabeer, 2003; Molyneux, 2002):

- ✓ (1) Níveis educacionais menores que dos homens (juntamente com a falta de habilidades técnicas, comerciais e/ou em informática)
- ✓ (2) Capital social diferente daqueles dos homens
- ✓ (3) Acesso diferente a formas de crédito (o que pode muito bem ser influenciado pelas redes sociais e associações das quais as mulheres fazem parte)
- ✓ (4) falta de mobilidade (devido à restrições impostas por práticas patriarcais)

- ✓ (5) sobrecarga devido à divisão desigual do trabalho doméstico (menos tempo para se dedicar ao trabalho e/ou à participação em associações, ou a estudar)
- ✓ (6) mais problemas físicos relacionados aos riscos à saúde ocupacional (mais distúrbios de estresse, maior propensão ao assédio/violência sexual, mais doenças musculoesqueléticas)
- ✓ (7) acesso restrito à propriedade
- ✓ (8) menor poder de barganha em casa.

3

Reflexões Sobre Gênero e Coleta de Resíduos na América Latina e em Outros Lugares



A adoção de uma abordagem de gênero na coleta de resíduos na América Latina tem ajudado a revelar as dimensões de gênero das atividades de coleta de resíduos, especificamente devido ao fato de que muitas cooperativas e associações são compostas por catadoras. Os projetos de pesquisa detalhados abaixo estão interessados no estudo de como as diferenças de gênero impactam o trabalho e os meios de subsistência das mulheres catadoras.

3.1 Experiências na América Latina

“Trabalhadoras na Cidade: A Contribuição das Mulheres à Gestão Ambiental de Resíduos Sólidos na América Latina”

(“Trabajadoras por la ciudad: Aporte de las mujeres a la gestión ambiental de los residuos sólidos en América Latina”)

Um projeto de pesquisa comparativa com foco na dimensão de gênero sobre a gestão de resíduos sólidos na América Latina foi realizado em quatro cidades de 2009 a 2012 com financiamento do [International Development Research Centre: IDRC](#)- Centro Internacional de Pesquisas para o Desenvolvimento. O projeto envolveu quatro cidades: Cochabamba, Bolívia; Montevideú, Uruguai; Lima, Peru; e São Paulo, Brasil. O projeto buscou observar as condições das catadoras no setor informal, as atividades que desenvolvem, e as principais desigualdades que enfrentam. A pesquisa envolveu grupos focais e entrevistas em profundidade com as trabalhadoras. Ao adotar uma perspectiva de gênero, o projeto buscou destacar como essa perspectiva pode ampliar a compreensão de quais agentes interferem na gestão de resíduos sólidos, como a divisão sexual do trabalho é estabelecida e como as mulheres e crianças são afetadas pelo trabalho que realizam.

Destaques do estudo:

- ✓ Olha especificamente para as diferenças entre as catadoras individuais e as catadoras organizadas em cooperativas.
- ✓ Foca na divisão sexual do trabalho em cooperativas e também dentro de casa.
- ✓ Considera como homens e mulheres lidam de maneira diferente com certos aspectos da coleta de resíduos.
- ✓ Discute as razões pelas quais as mulheres optam pela coleta de resíduos.

No entanto, o projeto não lida com a questão do empoderamento da mulher dentro do movimento, no local de trabalho ou nas cooperativas.

Para mais informações e achados do projeto de pesquisa, consulte:

http://www.clasco.org.ar/libreria_cm/archivos/pdf_41.pdf

“Estudo sobre Gênero e a Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos no Estado do México”

(“Estúdio sobre la Cuestión de Género en la Gestión de Residuos Sólidos Urbanos en el estado de México”)

O estudo realizado em 2005, no estado do México⁶ examina as percepções e compreensões das relações de gênero na gestão de resíduos sólidos através de entrevistas com trabalhadoras e trabalhadores, agentes municipais e os respectivos departamentos municipais, funcionários/as de instalações de tratamento de resíduos, e outros atores da sociedade civil, tais como membros de sindicatos e ONGs. O projeto foi realizado com a ajuda dos governos da Alemanha e do México e estava sob a responsabilidade da *Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit* - GTZ (Agência de Cooperação Técnica Alemã) e da Secretaria de Ecologia do Estado do México.

O principal objetivo do estudo foi fornecer uma visão mais abrangente das relações de poder e da participação de homens e mulheres nas diferentes fases da gestão de resíduos sólidos, a fim de promover uma maior igualdade de gênero e fornecer recomendações para as políticas para o setor.

⁶ O estado do México é um dos 31 estados do país do México.

Destaques do estudo:

- ✓ Realizado em nove municípios do Estado do México. A escolha e a divisão dos municípios foram feitas de acordo com quem governa o município, se por uma mulher ou um homem.
- ✓ O estudo foi enquadrado em torno de dois conceitos centrais: igualdade e transversalidade de gênero nas políticas públicas.
- ✓ Fornece recomendações sobre como incorporar a questão de gênero nas políticas de gestão de resíduos sólidos em todos os três níveis governamentais.
- ✓ Os achados apontam para desigualdades de gênero nas esferas tanto pública quanto privada.
- ✓ Discute perspectivas quanto aos interesses práticos e estratégicos de mulheres e à transferência para as políticas públicas.

Para mais detalhes sobre o estudo, consulte:

<http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd48/genero-residuos.pdf>

3.2 Experiências no Brasil

Polís – Dimensões de Gênero no Manejo dos Resíduos Domésticos em São Paulo

Esse projeto de pesquisa é parte integrante de uma investigação mais ampla realizada com o financiamento do IDRC na América Latina, discutida acima. Este relatório apresenta um debate sobre o projeto que ocorreu em São Paulo. Mais especificamente, reúne informações e percepções por parte de catadoras e catadores, lideranças do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e autoridades políticas e técnicos de vários departamentos do governo municipal.

Os achados, com base nas perspectivas das catadoras, reforçam a noção de que as desigualdades de gênero estão presentes tanto em casa como no trabalho. Algumas das principais preocupações das catadoras incluem: a divisão desigual do trabalho doméstico, a pequena quantidade de tempo livre que as mulheres têm disponível para cuidar de si mesmas e de sua saúde como resultado de pressões oriundas do trabalho e de casa, a necessidade de valorização do trabalho das mulheres, a naturalização da divisão do trabalho dentro das cooperativas que pressupõe que as mulheres devem assumir tarefas especificamente “femininas”, as pressões para cumprir as metas de trabalho, a maneira com a qual as mulheres ainda são criticadas por não terem força para abandonarem lares violentos, e a necessidade de que as políticas públicas tratem de questões relativas à saúde, educação e habitação. Essas são apenas algumas das questões que as catadoras discutiram, revelando como essas mulheres veem as desigualdades de gênero e o impacto negativo delas em seu trabalho, saúde e meios de subsistência.

Destaques do estudo:

- ✓ As discussões com autoridades públicas e técnicos revelaram que muitos ainda são incapazes de compreender os efeitos que as desigualdades de gênero exercem sobre as políticas não sensíveis a gênero. Muitos acreditam que as políticas públicas devem ter um caráter inclusivo, embora não necessariamente com foco específico em gênero.
- ✓ O projeto tem duas seções importantes que fornecem recomendações para (1) um modelo de gestão de resíduos sólidos com uma perspectiva de gênero e (2) para a incorporação da perspectiva de gênero na legislação nacional de resíduos sólidos.

Para mais detalhes sobre o projeto, consulte:

<http://www.polis.org.br/uploads/1703/1703.pdf> (em português).

As relações de gênero em cooperativas de reciclagem: um caminho em direção à construção da autogestão?

Este estudo é o resultado de uma dissertação de mestrado feita por Ioli Wirth em Campinas, São Paulo, em 2010. O estudo analisa duas cooperativas de reciclagem através de uma perspectiva de gênero, focando particularmente no processo de produção, na divisão sexual do trabalho e nos processos de gestão. A autora conduziu ainda 15 entrevistas com homens e mulheres, a fim de compreender as perspectivas que têm sobre o trabalho que fazem.

Destaques do estudo:

- ✓ O estudo revela as tensões, dadas certas hierarquias no processo de gestão, que não necessariamente refletem a solidariedade ou uma gestão mais democrática.
- ✓ A análise detalhada da divisão do trabalho revela que o processo de triagem é predominantemente feito pelas mulheres catadoras.
- ✓ As entrevistas realizadas refletem uma naturalização de estereótipos “femininos” para justificar a divisão sexual do trabalho.
- ✓ Um exercício de inversão de papéis no processo de produção mostra possibilidades para a desnaturalização das habilidades “femininas”.

Para mais detalhes sobre o estudo, consulte:

<http://www.biblioteca digital.unicamp.br/document/?code=000773989&fd=y>

Encontro Nacional de Mulheres Catadoras em Curitiba, Paraná

Desde 2008, mulheres catadoras do estado do Paraná vêm organizando um encontro de mulheres na periferia de Curitiba. Essas reuniões são importantes para unir as mulheres catadoras para que possam discutir seus papéis como trabalhadoras e líderes em suas próprias cooperativas e associações.

Para mais informações sobre os quatro encontros nacionais, além de outros eventos realizados com mulheres catadoras de diferentes estados, consulte:

<http://www.mncr.org.br/setores/mulheres-catadoras>

Notícias do Mundo:

Quebrando as Barreiras de Gênero ao Redor do Mundo - Experiências da Índia⁷

O sindicato Kagad Kach Patra Kashtakari Panchayat⁸ tem agora uma maior proporção de catadoras do sexo feminino se comparada com sua criação em 1993. Enquanto os compradores itinerantes, geralmente do sexo masculino, utilizam um carrinho de mão, balança, e certo capital para comprar sucata, as catadoras e os catadores carregam consigo apenas um saco e um ancinho de mão. Na infância a mesma proporção, tanto meninas quanto meninos coletavam resíduos, mas na adolescência esses números se reduzem para ambos os sexos. Mais tarde, já como jovens adultas, as meninas retornam à profissão como catadoras - após o casamento e a maternidade - enquanto os jovens adultos seguem trabalhando como compradores itinerantes ou sucateiros.

A KKKPKP discutiu, analisou e refletiu sobre os aspectos de gênero relacionados a seus membros e decidiu que, no espírito da democracia e da participação, sua liderança e seus postos de tomada de decisões iriam refletir a composição do setor.

O primeiro debate público sobre gênero foi a respeito do logo da KKKPKP - uma mulher carregando um saco. Compradores itinerantes defenderam um logo "masculino", mas a maioria defendeu a mulher presente no logotipo, uma vez que a composição do sindicato era em grande parte feminina. Duzentos membros do sexo masculino inicialmente saíram, para retornar somente dois anos mais tarde, depois de terem aceitado que os ganhos reais dos trabalhadores eram muito maiores do que as discussões a respeito de simbolismo!

A KKKPKP, que organizou catadoras e catadores com a intenção de promover o reconhecimento do trabalho dos mesmos, apoia a SWaCH (Coleta e Manejo de Resíduos Sólidos ou, oficialmente, a SWaCH Seva Sahakari Sanstha Maryadit, Pune). O estatuto da SWaCH, primeira cooperativa de propriedade total de catadores autônomos da Índia, estabeleceu 75 por cento de representação de mulheres no Comitê Executivo. Em sintonia com a ideologia e a história de ambas as organizações, e no verdadeiro espírito de alcançar novos desafios, as catadoras da SWaCH quebraram estereótipos existentes e ingressaram no exercício de papéis dominante e tipicamente masculinos, tais como tornar-se condutoras de caminhões de lixo, gerentes ou supervisoras dentro da SWaCH. Essas mulheres realizaram com sucesso o malabarismo de conciliar várias responsabilidades e desafios.

Para mais detalhes sobre a KKKPKP, consulte: <http://wiego.org/wiego/kagad-kach-patra-kashtakari-panchayat-kkpkp>. Para mais detalhes sobre a SWaCH, consulte: <http://www.swachcoop.com/>.

⁷ O texto foi fornecido e escrito por Laxmi Narayan da KKKPKP.

⁸ KKKPKP é um sindicato de trabalhadores informais do setor de resíduos que representa vários atores da cadeia, que inclui catadores, compradores itinerantes de recicláveis etc.

Referências⁹

Abranches, Graça. 2009. *Guia para uma Linguagem Promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero da Presidência do Conselho de Ministros de Portugal: Lisboa. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/siic-Linguagem.pdf>. Acesso em 20 Mar 2016.

Brasil. 2013. *Práticas de Igualdade*. Secretaria de Política para as Mulheres: Brasília. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/institucional/programas/pro-equidade/boas-praticas/ManualSPM.pdf>. Acesso em 20 Mar 2016.

CFEMEA, Centro Feminista de Estudos e Assessoria. 2006. *Os direitos das mulheres na legislação brasileira pós-constituente*. Centro Feminista de Estudos e Assessoria: Brasília. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/994_342_legis_pos_const.pdf. Acesso em 20 Mar 2016.

Collins, Patricia Hill and Valerie Chepp. 2003. "Intersectionality". In Georgina Waylen, Karen Celis, Johanna Kantola, and S. Laurel Weldon, eds., *The Oxford Handbook of Gender and Politics*. Oxford: Oxford University Press, pp. 57-87.

Crivellari, Helena Maria Tarchi, Sonia Maria Dias and André de Souza Pena. 2008. "Informação e trabalho: uma leitura sobre os catadores de material reciclável a partir das bases públicas de dados." In Valéria Heloisa Kemp and Helena Maria Tarchi Crivellari. *Catadores na Cena Urbana: Construção de Políticas Socioambientais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 299-324.

Daly, Mary. 2005. "Gender Mainstreaming in Theory and Practice". *Social Politics: International Studies in Gender, State and Society* 12, No. 3, pp.433-450.

Dias, Sonia. 2002. "Construindo a cidadania: Avanços e Limites do Projeto de Coleta Seletiva de Belo Horizonte em parceria com a ASMARE." Masters Dissertation. Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais.

Dias, Sonia and Lucia Fernandez. 2013. "Waste Pickers – A Gendered Perspective." In Cela, Blerta, Irene Dankelman and Jeffrey Stern, eds., *Powerful Synergies: Gender Equality, Economic Development and Environmental Sustainability*. United Nations Development Programme, pp. 153-157.

Dias, Sonia and Ana Carolina Ogando. 2015. "Rethinking gender and waste: exploratory findings from participatory action research in Brazil". *Work Organisation, Labour and Globalisation* 9, No. 2, pp. 51-63.

Fals Borda, Orlando. 2011. "Participatory (action) research in social theory: origins and challenges." In P. Reason and H. Bradbury, eds., *Handbook of action research: participative inquiry and practice*. England: London Sage, pp. 27-37.

⁹ O padrão ABNT não foi seguido, pois usamos como referência o "Guia de estilo da WIEGO".

Flax, Jane. 1992. "Beyond equality: gender, justice and difference." In Gisela Bock, Susan James, org., *Beyond Equality and Difference: citizenship, feminist politics, and female subjectivity*. London: Routledge, pp. 193-210.

Fraser, Nancy. 2003. "Social Justice in the Age of Identity Politics: Redistribution, Recognition, and Participation." In Nancy Fraser and Axel Honneth, *Redistribution or Recognition? A Political-Philosophical Exchange*. New York: Verso Press, pp. 7-109.

Freire, Paulo. 2005. *Pedagogy of the Oppressed*. New York: The Continuum International Publishing Group Inc.

Furedy, Christine. 1990. "Social Aspects of Solid Waste Recovery in Asian Cities." *Environmental Sanitation Review Series*, No. 30. Bangkok: Environmental Sanitation Information Centre, pp. 2-52.

Golla, Anne Marie, Anju Malhotra, Priya Nanda and Rekha Mehra. 2011. "Understanding and measuring women's economic empowerment: Definitions, framework and indicators." Washington DC: International Center for Research on Women (ICRW). Available at <http://www.icrw.org/files/publications/Understanding-measuring-womens-economic-empowerment.pdf>

Hawkesworth, Mary. 2013. "Sex, Gender, and Sexuality: From Naturalized Presumptions to Analytic Categories". In Georgina Waylen, Karen Celis, Johanna Kantola, S. Laurel Weldon, eds., *The Oxford Handbook of Gender and Politics*. Oxford: Oxford University Press, pp. 31-56.

Hunt, Caroline. 1996. "Child waste pickers in India: the occupation and its health risks." *Environment and Urbanization* 8, No. 2, pp. 111-118.

International Labour Organization. 1995. "Women Work More, But are Still Paid Less." Online document. Acesso em 25 Fev 2016: http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/media-centre/press-releases/WCMS_008091/lang-en/index.htm

Kabeer, Naila. 1999. "Resources, agency, achievements: Reflections on the measurement of women's empowerment." *Development and change* 30, No. 3, pp. 435-464.

Kesby, Mike. 2005. "Rethorizing Empowerment through Participation as a Performance in Space: Beyond Tyranny to Transformation." *Signs* 30, No. 4, pp. 2037-2065.

_____. 2003. *Gender Mainstreaming in Poverty Eradication and the Millennium Development Goals: A handbook for policy-makers and other stakeholders*. Canada: International Development Research Centre, 250 pages.

Madsen, Catherine A. 2006. "Feminizing Waste: Waste-Picking as an Empowerment Opportunity for Women and Children in Impoverished Communities." *Colorado Journal of International Environmental Law and Policy* 17, No. 1, pp. 165-200.

- Mahmud, Simeen, Nirali M. Shah and Stan Becker. 2012. "Measurement of women's empowerment in rural Bangladesh." *World Development* 40, No. 3, pp. 610-619.
- Matos, Marlise, 2010. "Opinião pública e representação política das mulheres: novos horizontes para 2010?" *Debate-Opinião pública e Conjuntura Política* 2, pp. 31-37.
- Matos, Marlise and Solange Simões. 2014. "The Interplay Between CEDAW, the Brazilian Women's Movements, and Global Feminisms Agendas." Presented at the International Sociological Association Conference. Japan, 2014.
- Mayoux, Linda. 2001. "Jobs, gender and small enterprises: getting the policy environment right." SEED Working Paper No. 15. Geneva: International Labour Organization.
- Mitlin, Diana. 2012. "From aid to empowerment." *Reflect and Act*. Acesso em 6 Junho 2015: <http://pubs.iied.org/pdfs/G03415.pdf>.
- Mohanty, Chandra. 2003. *Feminism Without Borders*. Durham: Duke University Press.
- Molyneux, Maxine. 2002. "Gender and the silences of social capital: Lessons from Latin America." *Development and change* 3, No.2, pp.167-188.
- Moraes, Eunice Léa de and Gladis Vera Gassen. 2004. "A transversalização das questões de gênero e raça nas ações de qualificação social e profissional." Technical Note. Brasil: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, No, 25, pp. 23-30.
- Moser, Caroline. 1993. *Gender Planning and Development: Theory, Practice and Training*, New York: Routledge.
- _____. 2005. "Has gender mainstreaming failed? A comment on international development agency experiences in the South." *International Feminist Journal of Politics* 7, No. 4, pp. 576-590.
- Muller, Maria S. and Anne Scheinberg. 2007. "Gender and Urban Waste Management." The Global Development Research Center, online document. Accessed on: February 25, 2016. <http://www.gdrc.org/uem/waste/swm-gender.html>
- Norris, Pippa and Ronald Inglehart. 2001. "Cultural Obstacles to Equal Representation." *Journal of Democracy* 12, No. 3, pp. 126-140.
- Purdie-Vaughn, Valerie and Richard P. Eibach. 2008. "Intersectional invisibility: The distinctive advantages and disadvantages of multiple subordinate-group identities." *Sex Roles*, 59, pp. 377-391.
- Scott, Joan. 1986. "Gender: A Useful Category of Historical Analysis". *The American Historical Review* 91, No. 5, pp. 1053-1075.
- Squires, Judith. 1999. "Framing Gender". In Judith Squires, *Gender in Political Theory*. Cambridge: Polity Press, pp. 54-77.
- Walby, Sylvia. 1990. *Theorizing Patriarchy*. Oxford, Blackwell Publishers.

Walby, Sylvia. 2005. "Gender mainstreaming: Productive tensions in theory and practice." *Social Politics: International Studies in Gender, State & Society* 12, No. 3, pp. 321-343.

_____. 2005. "Introduction: Comparative Gender Mainstreaming in a Global Era." *International Feminist Journal of Politics* 7, No. 4, pp. 453-470.

Wieringa, Saskia. 1998. "Rethinking gender planning: a critical discussion of the use of the concept of gender." *Gender, Technology and Development* 2, No. 3: pp. 349-371.

Wrigley-Assante, Charlotte. 2013. "Unraveling the health-related challenges of women in the informal economy: accounts of women in cross-border trading in Accra, Ghana." *GeoJournal* 78, No. 3, pp. 525-537.

Young, Iris. 1990. *Justice and the Politics of Difference*. Princeton: Princeton University.

Sobre WIEGO: Mulheres no Emprego Informal: Globalizando e Organizando (WIEGO) é uma rede global de ação-pesquisa-política que procura melhorar o status dos trabalhadores pobres na economia informal, especialmente mulheres. WIEGO é composta por organizações de trabalhadores informais, pesquisadores individuais e profissionais gestores engajados ou preocupados com o emprego informal. Nós procuramos cumprir os nossos objectivos através da ajuda no fortalecimento de organizações de base (OBs) de trabalhadores informais e na construção para o setor de redes; Destacar o tamanho, composição, características e contribuição da economia informal através do desenvolvimento de estatísticas e pesquisa; Promover diálogos e processos que culminem em políticas que incluam representantes de organizações de trabalhadores informais. Para mais informações: www.wiego.org

